

ESTUDO DAS FORMAS AUMENTATIVAS E DIMINUTIVAS EM PORTUGUÊS ARCAICO

Thais Holanda de ABREU*

ABSTRACT: This paper aims to present the study of augmentative and diminutive words in Archaic Portuguese (AP), through the observation of prosodic phenomena produced by morphophonological process of grade suffixes attachment: -inno and its variations for the diminutive, and -on(a), for the augmentative, in the Galician Portuguese, 13th century. Through exposition of this study we intend to discuss the question of the prosodic status of augmentative and diminutive forms in AP as simple forms (one main lexical stress) or compounds (two lexical stresses). Thus the mapping and the analysis of prosodic phenomena in AP aim to contribute to a more general description of the phonological component of the language in that moment of the Portuguese origin.

KEYWORDS: diminutive; augmentative; prosodic phenomena; Archaic Portuguese.

1. Introdução

O foco deste trabalho é o estudo de processos morfofonológicos desencadeados pela adjunção dos sufixos *-inno* e variações, para o diminutivo, e *-on(a)*, para o aumentativo, a bases nominais, no Português Arcaico (doravante, PA), século XIII. O intuito das análises é discutir a questão do estatuto prosódico das formas aumentativas e diminutivas em Português Arcaico como formas simples (um acento principal) ou compostas (dois acentos lexicais). Para analisarmos tais processos, este estudo realizou, até o momento, a coleta e o mapeamento de dados nas 420 *Cantigas de Santa Maria* (CSM) e também nas 100 primeiras cantigas de escárnio e maldizer. No entanto, o presente trabalho considerará como foco das análises fonológicas somente os dados mapeados nas 420 cantigas religiosas, visto que a quantidade de ocorrências encontradas nas cantigas de escárnio e maldizer ainda não são suficientes para a realização de uma análise efetiva. Por fim, o mapeamento de fenômenos prosódicos no PA pretende contribuir para a descrição mais geral do componente fonológico da língua naquele momento de formação do Português.

2. Metodologia e corpora

Ao analisar os processos morfofonológicos a partir das ocorrências de diminutivo e aumentativo no PA, o presente estudo realiza a coleta de dados em glossários e dicionários que reúnem as palavras conhecidas da época. A análise dos dados nas CSM foi feita com o auxílio do glossário de Mettmann (1972). Já o mapeamento das cantigas de escárnio e maldizer está sendo realizado com o auxílio do Glossário *Cantigas d'Escarnho e Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Portugueses* de Lapa (1995)*.

As 420 *Cantigas de Santa Maria* (CSM) foram compostas na segunda metade do século XIII e com autoria atribuída a Dom Afonso X, rei de Leão e Castela, denominado também “o Sábio”. Tais cantigas chegaram até nós a partir de quatro manuscritos antigos, conhecidos como códices.

* Mestranda; Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -UNESP/Araraquara

* Para a checagem do contexto de ocorrência, confirmando significado e característica prosódica das formas encontradas, recorre-se ao texto das cantigas.

O Grupo de Pesquisa *Fonologia do Português Arcaico & Brasileiro* (ao qual o presente trabalho está vinculado) tem acesso aos microfilmes de todos os manuscritos das CSM: **E**: El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS B.I.2 (conhecido como Escorial ou *códice dos músicos*) – o mais completo de todos; **T**: El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS T.I.1 (*códice rico* ou *códice das histórias*) – considerado o mais rico em conteúdo artístico (sobretudo iconográfico); **F**: Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Banco Rari, 20 (*códice de Florença*) – que forma um conjunto com o código Escorial rico, uma vez que as cantigas que contém completam o código T; **To**: Toledo, Madrid, Biblioteca Nacional, MS 10.069 – o menor e mais antigo de todos, que contém também um índice de cem cantigas.

Em relação às cantigas de escárnio e maldizer, sabe-se que estas eram feitas para dizer mal de alguém e o intuito principal delas, de acordo com Tavani (1993, p.138), era lubrificar os vícios da corte. Segundo Massini-Cagliari (2005, p.45) estas cantigas diferem-se apenas pela forma como elas fazem a difamação: coberta ou descoberta, ou seja, se a cantiga falava mal diretamente de alguém era de escárnio, caso contrário era de maldizer.

Assim como as cantigas religiosas, as de escárnio e maldizer chegaram até nós por meio de dois manuscritos antigos, a cujas edições fac-similadas os pesquisadores do Grupo “Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro” também têm acesso. Um deles é o *Cancioneiro Nacional da Biblioteca de Lisboa*, conhecido também pelas abreviaturas B ou CNB e denominado antigamente de *Cancioneiro Colocci-Brancuti*. Segundo Massini-Cagliari (2007, p.16), esse cancionero é o mais completo entre os três existentes com cantigas profanas galego-portuguesas, pois além de conservar o maior número de textos e autores é o único que apresenta a *Arte de Trovar*. O outro manuscrito é o *Cancioneiro da Vaticana*, que é conhecido pelas abreviaturas V ou CV e, de acordo com Massini-Cagliari (2007, p.22), possui muitas afinidades com o *Cancioneiro Nacional da Biblioteca de Lisboa*, pois acredita-se na hipótese de que os copistas de ambos os cancioneros tenham trabalhado simultaneamente a partir de um único exemplar original distribuído em cadernos.

Nossa escolha pelas cantigas medievais como *corpora* de pesquisa em PA justifica-se, portanto, pelo fato de que tais cantigas são uma das fontes mais ricas do galego-português (cf. Mettmann 1987, Parkinson, 1998, Massini-Cagliari, 2005 e Vaz Leão, 2007), além de serem textos poéticos, que possuem uma estrutura métrica e podem revelar aspectos fonético-fonológicos daquele período que não costumavam aparecer representados na escrita da época. Como já afirmara Massini-Cagliari (2005, p. 18):

fica praticamente impossível de serem extraídas informações a respeito da prosódia do português desse período a partir de textos escritos em prosa; o único procedimento possível nesses casos é buscar esses dados na estrutura métrica de textos poéticos, obrigatoriamente alicerçada nas características rítmicas da língua que a ela dá suporte. (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p.18)

Com base na citação acima é importante destacar que, por meio da estrutura métrica de textos poéticos, torna-se possível delinear os limites entre as sílabas das palavras e a localização dos acentos em cada verso, tomando como ponto de partida a observação de como o poeta conta as sílabas poéticas. Dessa forma, com a localização de acentos poéticos pode-se supor a localização do acento nas palavras naquele período (Português Arcaico).

A identificação do acento nas palavras facilita a investigação da sua estrutura prosódica e nos permite formular hipóteses, sobretudo a respeito dos nomes aumentativos e diminutivos serem no período arcaico do português, de acordo com as teorias da Fonologia Não-Linear, derivados ou compostos.

3. Fundamentação teórica

A partir da coleta de dados nas cantigas religiosas, as propriedades prosódicas dos diminutivos e aumentativos foram analisadas de acordo com a Fonologia Lexical, sobretudo a partir dos estudos de Lee (1995) para o Português Brasileiro (PB), e com a Fonologia Métrica (modelo métrico de Hayes, 1995, retomado por Costa, 2006 e Massini- Cagliari, 1995 e 1999).

A fonologia lexical estuda a relação entre o sistema sonoro e o sistema lexical das línguas por meio da observação da atuação das regras fonológicas. Desse ponto de vista, a dúvida reside em considerar os diminutivos e aumentativos do português como derivados ou compostos, sendo que, dessa perspectiva, esses nomes podem até mesmo receber uma classificação intermediária entre esses dois tipos de formações de palavras.

De acordo com Cagliari (2008, p. 124), o léxico de uma língua se estrutura em níveis e “contém regras ligadas ao componente fonológico propriamente dito”. Assim sendo, os dois grandes níveis da fonologia lexical, de acordo com Kiparsky (1982) *apud* Lee (1992, p. 109) são: o nível lexical e o nível pós-lexical.

A estrutura do léxico assumida pela FL pode ser representada pelo esquema a seguir, proposto por Kiparsky (*apud* Lee, 1995, p.05):

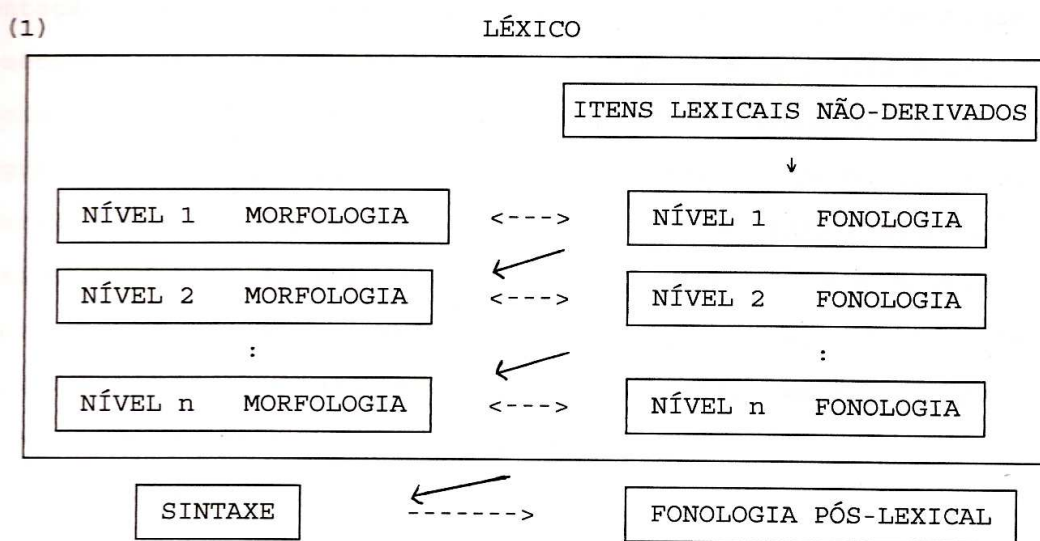


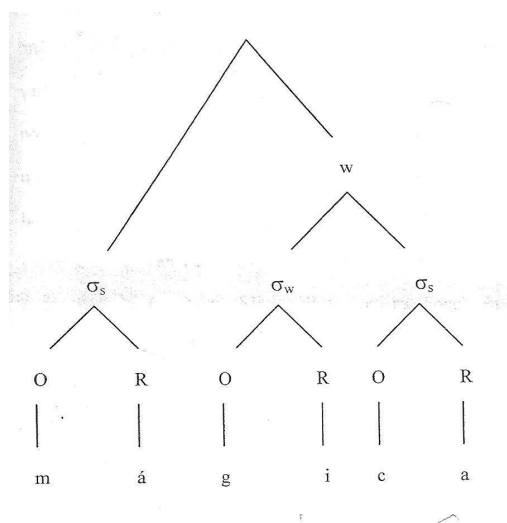
Figura 1 - Estruturação do léxico proposta por Kiparsky (*apud* Lee, 1995, p.05)

Observando a figura acima, constataremos que as setas que ligam o nível fonológico ao nível morfológico são reversíveis. Isto significa que a FL trabalha com a hipótese de que há uma interação e uma influência entre esses dois componentes da gramática (Fonologia e Morfologia) no momento de formação das palavras. Partindo desse fato, pode-se afirmar que as regras fonológicas são aplicadas depois de cada operação morfológica, isto é, a saída de cada regra morfológica é submetida, em seu estrato, a regras fonológicas. Portanto, o modelo da Fonologia Lexical postula que as regras fonológicas operam em conjunto com as morfológicas no léxico. Ao se adjungir os sufixos de diminutivo e aumentativo a uma determinada base, observa-se a ocorrência de processos fonológicos ocasionados justamente pelo acréscimo de um elemento morfológico (os sufixos) e que a partir dessa junção a posição

do acento da base pode ser modificada na palavra derivada (cf. seção 5 deste trabalho), originando, do ponto de vista fonológico, palavras simples ou compostas.

A Fonologia Métrica tem como principal preocupação os fenômenos da fonotática, sobretudo da sílaba e dos fenômenos rítmicos. Portanto, esse modelo fonológico trabalha com a estrutura dos elementos constitutivos da sílaba. Esses elementos podem ser representados de três maneiras diferentes, como pode ser verificado nos exemplos expostos a seguir:

(1) Representação somente de árvore



(2) Representação somente de grade

				x	linha 2
				x	linha 1
	x	x	x	x	linha 0
bor	bo	le	ta		

(3) Representação de grades parentetizadas

(x)	linha 2	
(x	.	x)	linha 1	
(x)	(x)	linha 0
bor	bo	le	ta			

Assim sendo em (1), tem-se a primeira parte de uma sílaba, que é denominada *Onset* (consoante) e a segunda (vogal ou vogal mais consoante), que denomina-se *Rima*. Na rima

pode-se encontrar ainda o *Núcleo* (parte que identifica a vogal) e a *Coda* (parte que identifica a consoante).

Em (2) e (3) observa-se a representação das saliências das sílabas (*strong/weak*) na forma de grade. Os “x(s)” representam as proeminências (sílabas fortes) e os pontos as sílabas fracas. A única diferença entre esses exemplos é que em (3) o acréscimo dos parênteses indicam a relação hierárquica entre os constituintes (linha 0: nível da sílaba, linha 1: nível do pé e linha 2: nível da palavra). A partir do momento em que é possível identificar a estrutura silábica de determinada palavra, pode-se saber a localização do acento desse vocábulo

4. Resultados

A coleta de dados no *corpora* deste estudo possibilitou o mapeamento de todos os casos de diminutivo e aumentativo encontrados nas 420 cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria e também nas 100 primeiras cantigas de escárnio e maldizer.

O levantamento das ocorrências nas cantigas religiosas nos aponta: 26 ocorrências para o sufixo de diminutivo *-inno*, sendo o vocábulo *pequeninno* o que possui mais ocorrências, aparecendo em 8 cantigas diferentes, e 19 ocorrências para o sufixo de diminutivo *-inno* com a desinência de gênero no feminino (*-inna*), das quais *fremosinna* aparece em 4 cantigas distintas. Assim sendo, o número de ocorrências para o sufixo de diminutivo em 420 cantigas totaliza 45, quer sejam elas masculinas quer sejam femininas.

Em relação aos aumentativos, verificaram-se apenas 9 ocorrências, fato esse que comprova que, devido a essas cantigas apresentarem um caráter religioso e serem destinadas à Virgem Maria, a linguagem utilizada passa a ter uma conotação afetiva positiva muito maior. Tal conotação afetiva positiva aparece, sobretudo, nos nomes diminutivos e deixa de existir nos nomes aumentativos, os quais muitas vezes carregam com si valores afetivos negativos, também chamados pejorativos. A quantificação desses dados pode ser verificada na tabela abaixo:

Tabela 1. Total de ocorrências para diminutivos e aumentativos em 420 cantigas

Ocorrências de palavras com sufixo de grau: CSM 1-420	Subtotal
Diminutivos	45 (84%)
Aumentativos	9 (16%)
TOTAL	54 (100%)

A tabela 1 nos revela uma maior produtividade das ocorrências de diminutivo uma vez que, das 54 ocorrências encontradas para diminutivo e aumentativo nas 420 cantigas 45 (≅ 84%) são de diminutivo em contraposição a apenas 9 de aumentativo(16%).

Nas cem primeiras cantigas de escárnio e maldizer o mapeamento dos nomes aumentativos e diminutivos nos aponta: 2 ocorrências para o diminutivo (*falconcinho* - cantiga 27; verso 2 e *galguilinho* - cantiga 27; verso 5) e 9 ocorrências para o aumentativo (*cabeçon* - cantiga 73; verso 5, *cabron* - cantiga 21; verso 33, *çapaton* - cantiga 34; verso 10, *cochon* - cantiga 21; verso 31 e cantiga 64; verso 12, *conon* - cantiga 14; verso 2, *espadarron* - cantiga 57; verso 15, *lorigon* - cantiga 57; verso 9 e *tavão* - cantiga 60; verso 3), sendo que uma dessas ocorrências para aumentativo (*cochon*) é a mais produtiva, aparecendo em duas cantigas diferentes. Pode-se observar a quantificação desses dados na tabela a seguir:

Tabela 2. Total de ocorrências para diminutivos e aumentativos em 100 cantigas de escárnio e maldizer

Ocorrências de palavras com sufixo de grau: Cantigas de escárnio e maldizer 1-100	Subtotal
Diminutivos	2 (18%)
Aumentativos	9 (82%)
TOTAL	11 (100%)

A tabela 2 nos revela uma maior produtividade das ocorrências de aumentativo uma vez que, das 11 ocorrências encontradas para diminutivo e aumentativo nas 100 primeiras cantigas de escárnio e maldizer 9 (\cong 82%) são de aumentativo em contraposição a apenas 2 de diminutivo(18%).

Com os resultados expostos anteriormente a partir do mapeamento das ocorrências de diminutivo e aumentativo nas cantigas religiosas e nas cem primeiras de escárnio e maldizer constata-se maior produtividade dos nomes diminutivos nas CSM (45 ocorrências de diminutivo contra 9 de aumentativo) que nas 100 primeiras cantigas de escárnio e maldizer (2 ocorrências de diminutivo contra 9 de aumentativo). Essa situação pode ser explicada por meio do objetivo intrínseco aos textos, o de louvar a Virgem Maria, – no caso das CSM- e o de difamar hábitos da corte, propiciando o uso de uma linguagem mais pejorativa – no caso das cantigas de escárnio.

5. Análise dos resultados

O objetivo principal deste trabalho, como já foi comentado anteriormente, é o estudo dos processos morfofonológicos desencadeados pela formação de aumentativos e diminutivos em Português Arcaico (PA). Dessa forma, optou-se em fazer uma análise de fenômenos *prosódicos* a partir dos morfemas de grau *-inno* e variações, para o diminutivo, e *-on(a)*, para o aumentativo, no período arcaico da língua portuguesa, século XVIII, sob a perspectiva das Fonologias Não-Lineares, em especial os modelos lexicais e métrico. A partir da exposição de algumas propriedades dos diminutivos para o PB a partir da FL (cf. Lee, 1995) e para o PA a partir da Fonologia Métrica (cf. Costa, 2006 e Massini-Cagliari 1995, 1999), discutir-se-á se essas propriedades se manifestavam nas ocorrências mapeadas nas cantigas religiosas.

A fonologia lexical estuda a relação entre o sistema sonoro e o sistema lexical das línguas por meio da observação da atuação das regras fonológicas. Desse ponto de vista, a dúvida reside em considerar os diminutivos e aumentativos do português como derivados ou compostos, sendo que, dessa perspectiva, esses nomes podem até mesmo receber uma classificação intermediária entre esses dois tipos de formações de palavras.

Tomando como base Lee (1995), pode-se inferir que diminutivos e aumentativos em PB não são formados no nível lexical dos derivados (α) tampouco no nível dos compostos pós-lexicais (β), uma vez que apresentam características prosódicas particulares, como a não ocorrência de neutralização das vogais médias, a não atuação do Efeito de Bloqueio e a permissão de plural entre os constituintes (radical e sufixo), no caso do sufixo *-zinho*.

Assim sendo, esses sufixos podem pertencer ao nível β no PB. Fato semelhante pode ser observado no PA, pois a maioria das ocorrências mapeadas nas CSM não revelou características comuns aos nomes formados no nível dos derivados no PB, como a submissão à regra de neutralização das vogais médias, muito menos características semelhantes aos compostos do PB, como a existência de plural entre os constituintes.

Do âmbito da teoria da Fonologia Métrica constata-se que estudos do acento para o PA (cf. Massini-Cagliari, 1995, 1999 e Costa, 2006) tentam analisar o padrão acentual naquele período. De acordo com esses estudiosos, havia uma grande recorrência de palavras paroxítonas no período arcaico de nossa língua, fato confirmado pela existência em Português Arcaico do pé silábico troqueu moraico* tanto nas cantigas profanas analisadas por Massini-Cagliari (1995, 1999) quanto nas religiosas analisadas por Costa (2006, p.93): “Consideramos o troqueu moraico como pé básico do PA nas CSM, visto que a grande maioria das palavras é paroxítona e a pauta paroxítona indica o padrão trocaico canônico[...]”. Ressalta-se, porém, que o fato de a maioria das ocorrências nessas cantigas serem consideradas paroxítonas não significa que outros padrões silábicos não foram encontrados, como as oxítonas terminadas em consoante (no caso dos aumentativos mapeados no *corpus* das 420 cantigas, como *crerizon*), nasal ou ditongo crescente. Logo, tomando como base os dois padrões silábicos mapeados por Costa (2006) nas CSM, verifica-se que a maioria das ocorrências de diminutivo mapeadas nas 420 cantigas religiosas são paroxítonas, como evidencia os exemplos a seguir:

(4) *velloçinna* (CSM 147;44)

		(*)		linha 2	
	(* .)		(* .)	linha 1	
	(*)	(*)	(*)	(*)	linha 0
	vel	lo	çin	na	

(5) *fremosinna* (CSM 79;13, 195;41, 241;15)

		(x)		linha 2	
	(x .)		(x .)	linha 1	
	(x)	(x)	(x)	(x)	linha 0
	fre	mos	in	na	

Analisando os exemplos acima observa-se que na linha 0 são marcadas todas as sílabas para, posteriormente, na linha 1, destacar os cabeças de uma seqüência silábica, ou seja, as proeminências vocálicas na base da palavra e no sufixo adjungido a elas. Na linha 2 constata-se que somente o acento principal permanece e que este está em posição paroxítona. Considerando-se a questão do padrão acentual, pode-se constatar por meio desses exemplos que na linha 1 e 2 tem-se o padrão do *troqueu moraico* (x .) e (x), com a representação de pés compostos de duas sílabas breves (∪∪) no primeiro caso, e um pé composto por uma única sílaba longa (—), na linha 2. Assim sendo, embasando-se em Massini-Cagliari (1999, p.169), é possível afirmar que, assim como nas cantigas profanas, as ocorrências de diminutivo nas CSM confirmaram mais uma vez que o PA era sensível à quantidade silábica na construção dos pés, isto é, qualquer sílaba longa (ou pesada) posicionada na penúltima

(caso dos exemplos expostos) ou na última posição silábica da palavra atrai o acento principal, como pode ser observado nos exemplo 1.

Como já comentado, Costa (2006) afirma ter encontrado algumas oxítonas no *corpus* das cantigas religiosas e, durante o mapeamento das ocorrências de diminutivo e aumentativo nas cantigas religiosas, verificou-se que os aumentativos em PA podem ser considerados de padrão acentual oxítono por analogia a palavras com a mesma terminação dos aumentativos (-on), classificadas como oxítonas por Costa (2006), como *galardon* (prêmio), *perdon* (perdão) entre outras. Vejamos, a seguir, por meio da grade métrica, um exemplo de ocorrência de aumentativo mapeada nas CSM que evidencia a posição do acento oxítono:

(6) *crerizon* (CSM 24;6)

			(x)	linha 2
(x	.)	(x)	linha 1
(x)	(x)	(x)		linha 0
cre	ri	zon		

Em 6 temos na linha 0 a marcação de cada sílaba e na linha 1 constata-se o cabeça de cada seqüência silábica. Por fim, na linha 2, somente o acento principal permanece na posição oxítona. Observando não somente a ocorrência exposta como exemplo, mas também as outras de aumentativo mapeadas verifica-se que estas (as ocorrências) não seguem o padrão ideal de formação de oxítonas no PA – palavras terminadas por sílaba leve seguida de sílaba pesada (∪ —) (cf. Costa, 2006, p.105-106); essas ocorrências de aumentativo, assim como as de diminutivo, também são sensíveis ao peso silábico, uma vez que possuem na penúltima ou na última sílaba uma longa (—) que atrai o acento principal.

Observa-se ainda que em 5 há na linha 0 o encontro de uma proeminência vocálica da base *fremos-*, a qual recebe o acento primário individual em “o” – uma vez que é considerada paroxítona, de acordo com Costa (2006, p.142) - com a proeminência vocálica do sufixo – *inno*, que recebe acento primário individual em “i”. Esse encontro é chamado de colisão acentual ou reversão iâmbica (cf. Hogg e McCully, 1987, p.132-137), fenômeno que ocorre em uma seqüência de dois acentos.

Para desfazer tal colisão, costuma-se aplicar a Regra de Mova X, segundo Massini-Cagliari (1999, p.92), que diz que quando constatada uma colisão acentual deve-se realizar um movimento das marcas da grade ao longo da fileira em que a colisão ocorre. Assim sendo, em 1 a linha 1 apresenta o movimento do acento primário que estava em “mo” na linha 0 para “fre”. Logo, embasando-se novamente em estudos de Massini-Cagliari (1995, 1999), pode-se verificar em “fre” o acento secundário, o qual não aparece na linha 2, uma vez que, de acordo com a estudiosa somente o último acento é sempre mais forte que os outros (cf. Massini-Cagliari, 1999, p.168). Nos exemplos 4 e 6, nota-se também a atuação da Regra de Mova X na linha 1 das respectivas grades métricas e, conseqüentemente, na linha 2 um acento principal marcado nas vogais dos sufixos *-inna* e *-on* e o apagamento dos acentos secundários.

Outra questão apontada por Massini-Cagliari (1999, p.174) em relação aos padrões acentuais encontrados em PA é a Regra Final à direita. De acordo com a estudiosa, nessa regra o componente mais à direita no momento de formação da palavra recebe o acento principal, estabelecendo o padrão de acentuação dos compostos em PA. Assim sendo,

observou-se que nas ocorrências de diminutivo e aumentativo mapeadas nas CSM o acento principal localiza-se à direita e, devido a isso tais ocorrências podem ter como padrão acentual o dos compostos.

6. Conclusão

Observando os exemplos de ocorrências mapeadas nas cantigas religiosas expostos anteriormente (4, 5 e 6) percebe-se que eles nos revelam a presença de acentos primários individuais (um acento na base e outro nos sufixos de diminutivo e aumentativo), os quais estão sob a condição de choque acentual e, por isso, pela Regra de Mova X (cf. Massini-Cagliari, 1999, p.92), tendem a se tornarem um acento secundário (que é apagado) e um acento primário principal, que permanece. Portanto, se utilizando dos conceitos da Fonologia Métrica, sobretudo o da grade métrica, conclui-se que os nomes diminutivos e aumentativos em Português Arcaico são compostos, pois possuem um acento primário e um secundário.

O mapeamento das formas diminutivas e aumentativas em PA confirmou também aquilo que Massini-Cagliari (1995, 1999) e Costa (2006) já havia afirmado – o conjunto de valores dos parâmetros do acento em PA e em PB não são diferentes e o pé básico é o *troqueu moraico*. Além disso, se tomarmos como base Collischonn (2001, p.135), as ocorrências mapeadas nas cantigas religiosas podem apresentar o mesmo padrão acentual do PB, uma vez que, assim como no período atual da língua, tais ocorrências possuíam: (i) acento na penúltima sílaba (paroxítona) quando a palavra era terminada preferencialmente em vogal (por exemplo, todas as ocorrências para o diminutivo), (ii) acento na última sílaba (oxítona) quando a palavra era terminada preferivelmente em consoante (todas as ocorrências de aumentativo) e (iii) acento na penúltima sílaba, quando esta era pesada, não caía na antepenúltima sílaba.

Referências

- AFONSO X, O sábio. *Cantigas de Santa Maria: edición facsímile do Códice de Toledo (To)*. Biblioteca Nacional de Madrid (Ms. 10.069). Vigo: Consello da Cultura Galega, Galáxia, 2003.
- CAGLIARI, L.C. *Análise fonológica: Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro*. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- COSTA, D. S. *Estudo do Acento Lexical no Português Arcaico por meio das Cantigas de Santa Maria*. Araraquara: Unesp – FCL, 2006, Dissertação de Mestrado.
- HAYES, B. *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago, London: University of Chicago Press, 1995.
- KIPARSKY, P. From Cyclic Phonology to Lexical Phonology. In: HARRY, V. H.; NORVAL, S. *The Structure of Phonological Representations: Part I*. USA: Foris Publications, 1982.
- LANCIANI, G.; TAVANI, G. (orgs.). *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993.
- LAPA, M. R. *Cantigas d'Escarnho e Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Portugueses*. 3ª edição ilustrada. Lisboa: João Sá da Costa, 1995. 1ª edição: 1965.
- LEÃO, A. V. *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

- LEE, S. H. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil*. Campinas: Unicamp, 1995, Tese de Doutorado.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. Campinas: Unicamp, 1995, Tese de Doutorado.
- _____. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.
- _____. *A música da fala dos trovadores. Estudos de Prosódia do Português Arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. Araraquara: Unesp – FCL, 2005, Tese de Livre Docência.
- _____. *Cancioneiros medievais galego-portugueses*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- METTMANN, W. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade, 1972. v. IV: Glossário.
- PARKINSON, S. As Cantigas de Santa Maria: estado das questões textuais. In: *Anuario de estudios literarios galegos*. Vigo: 1998.
- TAVANI, G. Cantiga de escarnho e maldizer. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993. p. 138-139.